

# 4<sup>a</sup> Parte

---

**Discursos**

## Tomás Pompeu e sua Casa

*Angela Gutiérrez*

Eram dias de abril. Na noite que descia sobre o sábado de paz da cidade provinciana, uma luz, repentinamente, se apagou. Naquele momento – as seis horas e quarenta e seis minutos de seis de abril de 1929 –, morria o mais insigne filho que, um dia, Fortaleza concebeu.

Desde o instante em que a notícia se propalou, a cidade compungida preparou funerais de príncipe para seu filho nobre de coração. No entardecer do dia seguinte, quebrando o sossego de seu domingo, homens e mulheres formaram duas correntes tristes que uniam a casa desse homem ao cemitério, para homenagear o grande morto na passagem de seu coche fúnebre. Trezentos carros formavam o cortejo silencioso que acompanhou o féretro à mansão derradeira. No palácio da presidência, onde estamos agora reunidos, na faculdade de Direito, em todas as repartições públicas, as bandeiras foram hasteadas em funeral. Estudantes de Direito reclamaram a honra de conduzir o esquife do mestre. Intelectuais, autoridades, políticos, jornalistas, motorneiros, professores, fiandeiras, boticários, estudantes, tecelãs, empresários, enfim, a gente desta cidade irmanou-se na despedida do homem sábio e bom.

Conhecerão, hoje, os cearenses, quem foi esse homem tão louvado na morte porque se doou em vida à sua terra? Ou a pátina dos setenta anos decorridos de sua travessia esmaeceu seu vulto na nossa desmemória? Alguém talvez perguntará porque relembra um morto em dia de festa, no dia em que esta Academia comemora seus cento e cinco anos de existência.

Por que relembra o homem que em si reuniu a rara combinação de inteligência privilegiada, cultura incomum, extraordinária capacidade de trabalho, extrema generosidade, exemplar integridade moral e, superando sua delicada saúde por invulgar fortaleza de alma, todo colocou-se a serviço de sua terra de nascimento?

---

Discurso proferido pela acadêmica Angela Gutiérrez na sessão solene de comemoração do 105º aniversário da Academia Cearense de Letras.

Por que lembrar o jornalista que, quase menino, aos dezesseis anos de idade, começou a publicar na imprensa, e somente no momento de sua morte, com perto de setenta e sete anos, descansou a destra? Ou, como dele disse José Sombra: "Só largou a pena quando a morte lhe imobilizou o braço e lhe empanou a visão"<sup>1</sup>. Na comemoração de seu jubileu literário, em 1919, ao agradecer as homenagens que lhe eram tributadas, esse homem assim se referiu à carreira jornalística, lembrando o tempo em que a imprensa era quase exclusivamente política: "Os jornalistas de hoje não podem imaginar a soma de esforços empregados na pesquisa dos fatos, no estudo de nossa história ou melhor de nossas crônicas, no conhecimento da legislação provincial e geral que a polêmica partidária exigia de seus contendores. Era um labutar sem tréguas, que mais se encandecia às alternativas das administrações que se alternavam no poder."<sup>2</sup> Recordemos que esse homem, desde os 20 anos, esteve à frente dos jornais *O Cearense* e, posteriormente, *Gazeta do Norte*, redigindo sobre questões doutrinárias dos liberais-pompeus, responsável, quase sempre, pelos artigos de fundo, tornando-se paradigma de ética e dignidade, por sua fidelidade a esses conceitos no exercício da profissão. Através da tribuna da imprensa, esse homem difundiu, também, suas pesquisas voltadas para a discussão e solução de problemas que afligiam e ainda afligem a sua, nossa, terra: seca, produção agrícola, sistema de esgotos, irrigação, educação, estrada de ferro, entre muitos outros.

Por que lembrar o professor que, durante mais de cinqüenta anos, no Liceu, na Escola Normal, na Escola Militar e na Faculdade de Direito, dividiu com seus alunos os conhecimentos conquistados em exaustivas pesquisas (lia e escrevia durante oito a doze horas por dia) em várias áreas do saber: geografia, história, direito, economia, política, filosofia, ensino? Mestre se-

---

<sup>1</sup> SOMBRA, José. A figura de um pensador. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr.Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p.71.

<sup>2</sup> POMPEU, Thomaz. Ao responder ao Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo especial em homenagem à memória do dr.Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p.48.

reno, conhecedor profundo das matérias que ensinava, preocupou-se em introduzir métodos que visassem mais ao conhecimento crítico do que à memorização e que fossem atrativos ao aluno. Publicou livros e compêndios que se adequassem a seus métodos, como *Lições de Geografia Geral* (1895), *Lições de Direito Público Constitucional* (1914) e *Lições de Economia Política* (1915). Na sessão fúnebre que o Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua promoveu logo após sua morte, Luís Moraes Correia dá seu testemunho sobre o mestre: “Ninguém o excedia como professor. Possuía para o desempenho do ministério, os requisitos essenciais: método didático e exposição clara e simples./Fui seu discípulo antes de ser seu colega. Se dele recebi a princípio lições professadas na cátedra, continuei depois a receber-lhe, como todos nós, as lições derramadas em monografias e conferências, relatórios e pareceres”.<sup>3</sup>

Por que lembrar o pesquisador de história que investigou e registrou questões de relevância em obras como *Memória histórica da Faculdade de Direito*, de 300 páginas, e a infelizmente inédita e, até onde sei, perdida, *História política e administrativa do Ceará*, desde a separação da Capitania de Pernambuco em 1789 ao ano de 1875, em dois grossos volumes, além de outros textos sobre assuntos históricos, como o discurso pronunciado em 1913, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do monumento a D. Pedro II, intitulado “O Imperador e os cearenses”? Em seu discurso de posse no Instituto do Ceará, em 1889, o pesquisador expôs seu conceito de história que em muito diferia daquele, então, consensual. Dizia ele: “Não sou apologista do que entre nós se entende por história (...) Que soma de utilidade recolhemos em saber de cor os nomes dos imperadores, tiranos, usurpadores, reis, etc, que dirigiram os destinos dos povos antigos e modernos, se não podemos penetrar no modo de sentir, de pensar, de crer, do viver moral e material dos povos?”<sup>4</sup> Seu modo de direcionar o foco da história para a maneira

<sup>3</sup> In O Nordeste, transcrito na *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr.Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p.30-131.

<sup>4</sup> POMPEU, Thomaz. Discurso de posse no Instituto do Ceará, em 12 de março de 1889. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr.Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p.85.

de viver dos povos e não apenas estritamente para os donos do poder antecipa modernas abordagens históricas.

Por que relembra o geógrafo que, herdeiro da vocação de seu pai, desenvolveu-a em suas próprias pesquisas, ampliando os limites dos tradicionais estudos da geografia para delinear a geografia humana e política do Ceará e do Brasil, como comprovam suas publicações na área, entre outras, *Vantagens do trabalho de irrigação no Ceará* (1892), *População do Ceará* (1889), *Importância da vida humana como fator de riqueza* (1896), *Irrigação no Ceará* (1902), sem contar as já citadas *Lições de Geografia Geral* e sua obra de maior repercussão, *O Ceará no começo do século XX*, de 1909, publicada em dois volumes? Como afirmou Tomás Pompeu Sobrinho: “O feliz esboço que se lê nas *Lições*, coloca-o na vanguarda dos que, entre nós, divulgam o estudo da terra nas suas relações com a natureza e com a história do homem”.<sup>5</sup>

Por que relembra o educador que sempre se interessou pela instrução pública, tendo publicado vários estudos sobre a questão, como *Fiscalização do Ensino Primário* (1889), relatório apresentado ao presidente da Província do Ceará, na qualidade de Diretor de Instrução Pública, *Instrução Primária no Brasil* (1814), *Instrução no Ceará* (1918), *Pareceres sobre a Reforma da Escola Normal* (1918) e elaborada volumosa *História da Instrução Pública no Ceará (1750-1920)*, para a Exposição do Centenário, infelizmente também inédita?

Por que lembrar o administrador público que fundou a faculdade de Direito e dirigiu-a de 1903 a 1912, de 1920 a 1922, tendo criado seu regulamento e redigido relatórios anuais que iam muito além de simples prestação de contas para se constituírem em análises do ensino jurídico; o homem que assumiu interinamente a presidência do Ceará, em 1889, no crepúsculo do Império, e, no pouco tempo de que dispôs, reformou a instrução pública e as secretarias e que neste cargo público administrativo, como em outros que exerceu, jamais auferiu rendimentos.

---

<sup>5</sup> POMPEU SOBRINHO, Thomaz. As Lições de Geographia Geral e a evolução do ensino geographico no Brasil. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem a memória do dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário). Fortaleza, 1929, p. 79.

Por que relembrar o jurista que tornou-se um dos maiores especialistas em direito constitucional do país, na opinião de seus contemporâneos, e que expôs na sua *Teoria Geral do Direito* e em outras obras seu saber jurídico? Antonio Theodorico da Costa lembra que: "O insigne professor foi uma expressão representativa da cultura intelectual dos cursos jurídicos no Brasil.

Para a geração acadêmica foi uma espécie de oráculo. Todos o consultavam. Todos queriam ouvir-lhe as palavras e os conselhos.

Sua opinião era sempre acatada. Era o mestre consagrado. *Primus inter pares*. O sábio entre todos eles".<sup>6</sup>

Por que relembrar o empreendedor, o pioneiro, que fundou a primeira fábrica de fiação e tecidos do norte-nordeste, atentando para o aproveitamento de nossa vocação algodoeira, que foi sócio majoritário e gerente da primeira Companhia de Bondes do Outeiro, que foi fundador e presidente do Banco do Ceará, do Centro Industrial e da Associação Comercial de Fortaleza, colaborando para o progresso da terra, na crença de que progresso e ciência deviam andar de mãos dadas?

Por que relembrar o político que, eleito para a assembléia geral legislativa de 1878, um ano após a morte de seu pai, foi o benjamim dos deputados, com 25 anos, participando de uma Assembléia que contava com grandes nomes como Rui Barbosa, José Bonifácio, Afonso Celso, Conselheiro Dantas, tendo sido por todos respeitado? Sobre ele, Afonso Celso escreveria depois páginas elogiosas no seu livro *Meus oito anos de Parlamento*. Eleito secretário, presidiu, muitas vezes, as reuniões da Câmara. Aceitou candidatar-se a mandato em 1886, para a Câmara, preocupado, com outros parlamentares, em tentar a emancipação escrava no país. Com a dissolução da Câmara e com a proclamação da república, tendo a convicção de que, no momento histórico que o Brasil vivia, a monarquia parlamentar era o regime de governo que convinha ao país, abandonou a política. No entanto, em dezembro de 1899, tendo publicado artigo sobre o já falecido Imperador Pedro II,

---

<sup>6</sup> Costa, Antonio Theodorico da. O homem-trabalho. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p.61-62.

foi preso por ordem do General Artur Oscar e, somente após *habeas corpus* impetrado por Rui Barbosa, veio a ser solto. Posteriormente, embora não mais tivesse qualquer atuação política, com a queda de seu cunhado Acioly, foi exonerado da direção da Faculdade de Direito pelo governo de Franco Rabelo. Nunca renunciou, porém, ao direito de pensar e expor suas idéias com autonomia.<sup>7</sup>

Por que lembrar o pensador que foi considerado “o pai espiritual de várias gerações”, tendo animado, desde a juventude, extraordinários movimentos intelectuais do século XIX, como a Academia Francesa (cujo papel cultural já foi salientado por Tristão de Atayde, Dolor Barreira, Sânzio de Azevedo, entre outros), a fase heróica da maçonaria, através do jornal *Fraternidade*, a Academia Cearense? Farias Brito a ele assim se refere: “Se há entre nós homens que verdadeiramente mereçam a veneração dos contemporâneos por atos de abnegação e patriotismo, por constantes esforços em bem da coletividade e, mais particularmente, por sua decidida vocação pelas letras e perseverante aplicação ao desenvolvimento da ciência... Com efeito, é ele dos poucos que em nosso país abraçam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos, podendo-se dizer que é um espírito viajado por todos os ramos do saber, mas precisamente que tem os melhores elementos para constituir o exemplo raríssimo de uma ilustração enciclopédica. É um trabalhador infatigável, uma cerebração vigorosa, uma das nossas inteligências mais fecundas, se bem que seja muito menos conhecido do que tantos outros em torno dos quais faz grande ruído a opinião pública nacional. É verdadeiramente o continuador da obra do pai... é uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais”.<sup>8</sup>

Por que lembrar o homem de letras, que, em esforço inumano, reuniu em dez volumes uma *Antologia Universal*<sup>9</sup>, dicionário de pensamentos, com 53 mil pensamentos e opiniões, citadas no original e em tradução, quando, à época, o maior dicio-

<sup>7</sup> Consulta a cartas, recortes de jornais e manuscritos da época.

<sup>8</sup> FARIAS BRITO, Raimundo. Dr. Thomaz Pompeu. *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza, 1896-1897, p.132-145.

<sup>9</sup> Consulta aos originais.

nário de pensamentos, o *Larousse*, abrigava 40 mil citações? Aliás, cabe-me lembrar que essa obra monumental está inédita, a merecer a luz da publicação, antes que a indomável ação deletéria do tempo a destrua. Apesar de conhecido por sua racionalidade, esse homem amava os poetas românticos, como Gonçalves Dias - que o fascinou desde que, menino de sete anos, o conheceu, quando o poeta veio ao Ceará com a Comissão Científica de 1859 e foi recebido na casa de seu pai - Álvares de Azevedo, Fagundes Varela. Lia, em família, os poemas desses autores e até as crianças se encantavam ao ouvi-lo. No momento de sua morte, redigia artigo sobre José de Alencar, escritor de sua especial predileção e com quem percebia dividir muitas afinidades. O artigo, alusivo ao centenário do romancista cearense e intitulado "José Martiniano de Alencar, o homem e o homem de letras", seria lido na inauguração da estátua de Alencar, na praça que hoje leva o nome do autor de *Iracema*.

Por que lembrar o homem digno e bom, generoso com os amigos que lhe pediam ajuda intelectual, dedicado à sua terra. Em inúmeras ocasiões, punha sua cultura a serviço dos amigos que, repetindo o Dr. Antonio Augusto de Vasconcelos, chamavam-no de Larousse. Em vários relatórios de presidência do Ceará, elaborou a parte relativa à instrução pública. Segundo José Lino da Justa: "Nenhum cearense estudou com mais intensa perseverança e vibratibilidade os problemas que se prendem à terra mártir das secas"<sup>10</sup>. Com igual generosidade, agia com os necessitados de ajuda financeira, às vezes, antecipando-se, a seu pedido, conforme depoimentos de amigos. Colaborava, também, com instituições sociais como o Leprosário e o Bom Pastor.

Por que relembrar o avô - não é, mamãe?- que largava a pena, o papel, os óculos e os livros para brincar com a netinha amada? Ou o marido que se desvelava em noites insones no cuidado com sua Angela doente, que chegou a vender seus bens para levá-la ao mais famoso médico da Europa, Dr. Charcot, que também atendia ao Imperador em seu exílio parisiense? Ou o pai que,

<sup>10</sup> JUSTA, José Lino da. Preto de admiração e saudade. *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo especial em homenagem à memória do dr.Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Presidente) e João Baptista Perdigão de Oliveira (secretário), Fortaleza, 1929, p. 6.



numa época em que tal atitude era inusual, ajudava a mulher com os filhos, embalando-os, banhando-os e que era o mestre dos filhos, ensinando-lhes desde as primeiras letras?

É com honra e prazer que lembro, hoje, aqui, o homem que deu nome a esta Casa. Tomás Pompeu. Em 1894, então nos seus 42 anos de idade, Tomás Pompeu de Sousa Brasil foi eleito o primeiro presidente da Academia Cearense. Como informa Raimundo Girão, em *A Academia de 1894*, “A presidência de Tomás Pompeu prolongar-se-ia até a reorganização de 1922 e mesmo depois desta, pois que, Pompeu, mestre insigne, de vasta erudição e prestígio oficial e social, bastava como símbolo de um instituto de cultura que viria, pioneiro, a figurar entre as congêneres do país, mesmo a Academia Brasileira de Letras.”<sup>11</sup>

No discurso lido na sessão magna que comemorava o 1º aniversário da Academia, Tomás Pompeu enuncia sua opinião sobre o papel da Academia, ou “tebaida”, em sua expressão, no momento político que o Brasil atravessava, considerando que os acadêmicos, com “a serenidade de investigadores da verdade”, prestam relevantes serviço ao homem e ao país. Reportando-se às sessões da Academia acontecidas no seu primeiro ano de atividade – dedicadas à apresentação e discussão de trabalhos sobre arquitetura, mecânica, direito público constitucional, religião, flora cearense, história e crônica do Ceará, medicina, higiene pública indica o caminho percorrido em seus inícios heróicos: o desenvolvimento do saber para o bem da coletividade que, aliás, foi sempre o direcionamento de seus estudos.<sup>12</sup>

Ao lembrar hoje o homem Tomás Pompeu, não me impele somente o dever de justiça para com o primeiro presidente desta Casa ou o desejo de homenagear um antepassado ilustre, meu bisavô. Ao trazê-lo ao nosso presente, mais que tudo, me anima a idéia de retirar a poeira do tempo que pousa em seu retrato para

---

<sup>11</sup> GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975, p.16.

<sup>12</sup> POMPEU, Thomaz. Discurso lido perante a Academia Cearense na sessão magna, de 1º aniversário, pelo seu presidente, Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil. *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza, 1897.

que possamos enxergá-lo como um exemplo a ser imitado por nós que constituímos a intelectualidade cearense: na sua dignidade, na sua dedicação à pesquisa, no seu interesse pelo Ceará, na sua generosidade. Se algumas idéias que defendeu envelheceram, se algumas soluções que propôs aos problemas da nossa terra, hoje, com o avanço tecnológico são substituíveis por outras mais consoantes com nossa época, suas qualidades são perenes e se manterão exemplares enquanto o homem mantiver as conquistas morais, sociais e intelectuais da civilização.

Pelo acesso a importantes obras sobre Tomás Pompeu, registro meus agradecimentos à bibliotecária da Academia, Madalena Figueiredo, eficiente e gentil, e a meu pai, Luciano Mota, que sempre mantém abertas, para mim, as portas de sua biblioteca<sup>15</sup> e de seu saber. Lamento que não estejam aqui presentes minha tia e madrinha Maria Pompeu Rossas Freire, que se encontra doente, e meu tio Tomás Pompeu Rossas, já falecido, para, juntos com minha mãe Angela Laís Pompeu Rossas Mota, lembrarem o avô tão amado.

.....  
A Academia, em ocasião de seus aniversários, concede diplomas de mérito cultural às pessoas que se distinguem na cultura e aos que, modernos Mecenas, contribuem para o bom funcionamento desta Casa. Os agraciados neste centésimo quinto aniversário da Academia são:

Desembargadora Águeda Passos Rodrigues Martins, Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Ceará;

Professor Dr. Roberto Cláudio Frota Bezerra, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará;

Dr. Maurício Cabral Benevides, Presidente da Academia de Retórica do Ceará;

Prof. Ednilo Gomes Soares, Diretor do Colégio 77 de Setembro;

Dr. Fernando Faria Bezerra, Diretor da ETUSA;

Empresários Deib Otoch Jr. e Pio Rodrigues Neto.

Presidida pelo príncipe do poetas cearenses Artur Eduardo Benevides, homem de letras e de ação, a Academia vive, hoje,

---

<sup>15</sup> Foram consultados livros e artigos de Thomaz Pompeu, publicados e inéditos, manuscritos, correspondência, jornais da sua época, especialmente *O Cearense*.

momento de intensa atividade cultural. Além disso, nosso dinâmico presidente instaurou trabalhos de melhoramentos e restauração na nossa histórica sede. A informatização da biblioteca e o aumento de seu acervo, acrescido da coleção do bibliófilo João Carlos Neto e, agora, da coleção do escritor Moreira Campos, abrem para os pesquisadores preciosas fontes de pesquisa.

Nesta noite, festejamos, também, a inauguração da Coleção Moreira Campos, doada à Academia pela queridíssima dona Maria José Alcides Campos, a mais doce das mulheres, a amada do inesquecível mestre Moreira Campos. A biblioteca de um escritor revela muito sobre sua própria obra, através desse binômio que é ser autor-leitor, assim, acredito que a coleção que hoje é apresentada, além de enriquecer o acervo da Academia constituirá, também, fonte indispensável de consulta para o estudioso da obra literária do nosso contista maior.

Faz-de-conta que, de repente, o sorriso leve, giocondo, do mestre Moreira ilumina a sala e com essa imagem, nascida da minha saudade, encerro minha fala. Muito obrigada por me ouvirem.